



SERVIÇO PÚBLICO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL GOIANO

A IMPORTÂNCIA DA TENDÊNCIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Uelinton Morais Vieira¹

Davillas Newton de Oliveira Chaves

¹ Acadêmico do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Iporá sob a orientação do professor Davillas Newton de Oliveira Chaves

RESUMO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada àqueles que não tiveram acesso ao ensino regular na idade considerada apropriada, possibilitando que esses indivíduos se tornem críticos e compreenda seu papel diante da sociedade. Neste sentido, o presente artigo, de caráter exploratório e de natureza qualitativa, tem como objetivo compreender a Teoria Libertadora do teórico brasileiro Paulo Freire e sua importância para a consolidação da modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Buscando diferenciar Educação Bancária e Libertadora, além de discutir o papel do docente no sucesso de aprendizagem do aluno, destacando a importância de se ter uma Educação significativa. Para alcançar os objetivos desse estudo, recorreu-se a referenciais como Aranha (1996), Freire (1994,2005), Gadotti (1996, 2001), Jorge e Benedetti (2005), Paiva (1973) e Patto (1996) entre outros. Com este trabalho ficará perceptível a importância de utilizar a tendência pedagógica libertadora, pois, ela norteia os educadores a trabalhar de forma mais específica com os alunos da EJA. Para que a parceria entre educador e educando consiga atingir o objetivo final é preciso entender alguns pontos principais da tendência libertadora, como vê o educando como sujeito da própria história, a necessidade do diálogo e de ações humildes seriam pré-requisitos éticos do educador que se propõe a contribuir no processo de libertação pela educação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação Libertadora. Paulo Freire.

THE IMPORTANCE OF PAULO FREIRE'S LIBERTARIAN TREND TO THE YOUTH AND ADULT EDUCATION PROGRAM

ABSTRACT: Youth and adult education program (EJA) is a teaching method designated to those who did not have access to regular education at the appropriate age, allowing them to become critical beings and understand their part in society. For that matter, this study, made in an exploratory and qualitative methodology, aims to understand the Brazilian author Paulo Freire's Libertarian Theory and its importance to the consolidation of the Youth and adult education program. This was made by finding a way to distinguish Bank and Libertarian education, besides discussing the teacher's part in the students' learning success, emphasizing the importance of a significant education. In order to reach this study's goal, bibliographical research was made basing in authors such as Aranha (1996), Freire (1994,2005), Gadotti (1996, 2001), Jorge e Benedetti (2005), Paiva (1973) e Patto (1996) among others. After that, it will be possible to realize the importance of using the libertarian pedagogical trend, once it guides the teachers on working in a more specific way with the EJA students. So that the partnership between the teachers and students reaches its final goal, it is needed to understand some fundamental points of the libertarian trend, such as seeing the students as the subject of its own history, the need for dialogue and humble actions as ethical prerequisites for the teachers that commit to contribute to the libertarian process through education.

Keywords: Youth and adults education program. Libertarian Education. Paulo Freire.

1. INTRODUÇÃO

Conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, a Pedagogia Libertadora foi elaborada em meados da década de 1960, e tinha como principal alvo a Educação de Jovens e Adultos baseada no princípio de que a educação é um ato político, de construção do conhecimento e de criação de outra sociedade - mais ética, mais justa, mais humana e mais solidária. Para tanto, os métodos usados na educação de jovens e adultos deveriam ser diferentes dos usados na Educação Infantil, levando em consideração que esses alunos já trariam uma bagagem de experiências que deveria ser aproveitada como ponto de partida para o aprendizado. Paulo Freire é sem dúvida alguma “Um educador humanista e militante. Em concepção de educação parte-se sempre de um contexto concreto para responder a esse contexto. Em Educação como prática da liberdade, esse contexto é o processo de desenvolvimento econômico e o movimento de superação da cultura colonial nas 'sociedades em trânsito'. O autor procura mostrar, nessas sociedades, qual é o papel da educação, do ponto de vista do oprimido, na construção de uma sociedade democrática ou 'sociedade aberta'. Para ele, essa sociedade não pode ser construída pelas elites porque elas são incapazes de oferecer as bases de uma política de reformas. Essa nova sociedade somente poderá constituir-se como resultado da luta das massas populares, as únicas capazes de operar tal mudança”. (GADOTTI, 1996, p. 83-84).

O teórico Paulo Freire criticava o método tradicional de ensino, o qual utilizava a cartilha como principal recurso didático na alfabetização, que os profissionais da educação ensinavam pela repetição de palavras soltas, estimulando a cópia e o ato de memorização. Para o autor, era preciso utilizar o contexto social do aluno, promovendo a aprendizagem de forma mais significativa. Posto isso, o método criado por Freire propunha um método inovador baseado na valorização dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes ao longo de suas vidas. Ainda hoje é possível perceber que o método de Paulo Freire não foi completamente implantado em nossas escolas, visto que o alto índice de evasão escolar na EJA, se deve muito à falta de adequação do sistema escolar à realidade social dos alunos.

Segundo Klein e Freitas (2011) no ano de 2010 existiam no Brasil aproximadamente 8 milhões de alunos matriculados na modalidade EJA, entretanto, cerca de 43% desse montante não concluíram as etapas ofertadas nessa modalidade de ensino. Esses dados são relevantes para que se crie incentivos onde as escolas gerem estratégias para reduzir os índices de evasão e, conseqüentemente, contribuam para a redução do analfabetismo na nação. Assim, esse trabalho é

de extrema relevância, visto que, um dos motivos da evasão escolar na EJA é a metodologia aplicada, que foge da realidade do aluno e em alguns casos é infantilizada, dificultando a adaptação e permanência dos discentes.

Com este artigo será demonstrada a importância de utilizar a tendência pedagógica libertadora, pois, ela pode nortear os educadores a desenvolverem práticas educacionais de forma mais adequada para os estudantes da EJA. Para que a parceria entre educador e educando consiga atingir o objetivo final, é preciso entender alguns pontos principais da tendência libertadora, como colocar o educando como sujeito da história, estimulando o diálogo e utilizando métodos mais convidativos como pré-requisitos éticos do educador que se propõe a contribuir no processo de emancipação do estudante, essa análise seria inútil se realizada sem a compreensão do método freiriano, desconsiderando seus reais objetivos e suas principais finalidades.

Dessa forma, este artigo visa compreender a Teoria Libertadora e sua importância para a Educação de Jovens e Adulto, buscando distinguir Educação Bancária e Educação Libertadora, discutir o papel do docente no sucesso de aprendizagem do aluno, e destacar a importância de se ter uma Educação significativa capaz de ser eficiente garantindo o progresso dos cidadãos.

2- Educação de Jovens e Adultos no Brasil: retrospectiva histórica

O histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil perpassa a trajetória do próprio desenvolvimento da educação e vem institucionalizando-se desde a catequização dos indígenas, a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa servindo como elemento de aculturação dos nativos (PAIVA, 1973). A escritora afirma ainda que a educação de adultos no Brasil não é um assunto recente, pois a primeira ideia de educação de adultos no Brasil ocorreu no período colonial com os padres jesuítas. A Constituição Imperial de 1824 e o Decreto Imperial 7.031/1878 reservavam a todos os cidadãos a instrução primária gratuita, apesar disso, em 1910, segundo o IBGE: "o direito a ler e escrever era negado a quase 11 milhões e meio de pessoas com mais de 15 anos". A partir da década de 1920, parte considerável da população e diversos profissionais da educação passaram a se manifestar cobrando maior atenção das políticas públicas para a educação de jovens e adultos. Assim, foi estabelecido na Constituição de 1934 a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação como dever do Estado, estimulando o seu acesso a um número maior de beneficiados (UNESCO, 2008).

De acordo com Márcia Friedrich et al (2010), no artigo *Trajectoria da escolarização de*

jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas, na década de 1940, aproximadamente metade da população brasileira era analfabeta e isso se tornou uma questão associada ao subdesenvolvimento, sendo a falta de letramento considerada o principal fator para justificar a estagnação econômica que vigorava. Em 1946, promulgo-se a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo, e em 1947 surgiu uma proposta de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do Serviço de Educação de Adultos (SEA). Para os autores, a finalidade desse serviço era reorientar e coordenar, no geral, os trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.

Esse movimento, que durou até fins da década de 1950 foi denominado de Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos. Porém, destacam que seria discutível o método pedagógico utilizado por supostamente homogeneizar seus alunos sem a preocupação dos contextos em que estavam inseridos.

Além disso, o SEA considerava que as pessoas analfabetas eram compreendidas como ignorantes e incapazes de compreender, por isso deveriam ser alfabetizados usando os mesmos métodos usados para educar crianças. Não havia, portanto, uma preocupação com a formação acadêmica dos educadores, pois, qualquer pessoa alfabetizada poderia exercer essa função. A campanha de alfabetização estava mais preocupada com o quantitativo de pessoas formadas do que com a qualidade do ensino oferecido, visto que, naquele contexto histórico a pressão internacional era grande para que o analfabetismo fosse erradicado seguindo orientações da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a cultura (UNESCO) de que a educação era o meio de desempenhar o desenvolvimento das “nações atrasadas”.

No artigo *Breve História Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil*, Thyeles Borcarte Strelhow (2010) afirma que, em 1958, com a realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, os educadores sentiram a necessidade de romper com os preconceitos que envolviam as pessoas analfabetas. A partir de então começou-se a dar passos em direção à discussão de um novo método pedagógico utilizado na educação de adultos. Surgindo no cenário da educação de jovens e adultos um dos maiores representantes desta modalidade, Paulo Freire, ele defendia que a alfabetização de adultos deveria acontecer de forma contextualizada, e pensado de forma diferente da alfabetização de crianças, visto que, os adultos

já trazem uma bagagem que deve ser respeitada. O principal objetivo de Freire era uma educação libertadora e democrática que fizesse com que a classe trabalhadora despertasse para a situação de opressão na qual estavam submetidos. Segundo Aranha (1996, p. 207), "Paulo Freire parte do princípio de que vivemos em uma sociedade dividida em classes, na qual os privilégios de uns impedem a maioria de usufruir os bens produzidos".

Desde então, a educação de jovens e adultos passou por altos e baixos, tendo em 1961 os direitos suprimidos através da LDB 4.024, como por exemplo a não obrigatoriedade do ensino primário, aumentando assim o analfabetismo. Os anos de 1958 a 1964, segundo Gadotti e Romão (2006), foram marcados por ações em que “a educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas do analfabetismo, como uma educação de base, articulada com as “reformas de base” defendida pelo governo popular/populista de João Goulart” (p.36).

Gadotti (1996) destaca que com o golpe militar de 1964, o trabalho de Freire passou a ser visto como ameaça ao regime, então implantado, retomando-se, a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas. Em 1967 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada e com esse programa a alfabetização tornou-se restrita apenas em aprender a ler e escrever. Em 1985 com o fim do MOBREAL foi criada a Fundação Escolar vinculado ao Ministério da Educação com o intuito de supervisionar os investimentos destinados para execução dos programas sendo extinto em 1990. Com a promulgação da Constituição de 1988, foi ampliado o dever do Estado para com a EJA, garantindo o ensino fundamental e obrigatórios a todos. Na década de 90 surgiram varias iniciativas em busca de uma melhor qualidade na EJA, estados e municípios passam a ter maior interesse no assunto, buscando parcerias com universidades, ONG's, populares e Fóruns Estaduais e Nacionais.

2.2 A pedagogia de Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco. Foi alfabetizado por sua mãe, no quintal da sua casa, tendo como material pedagógico, gravetos de árvores e o solo.

Sua alfabetização partiu de suas próprias palavras, palavras de sua infância, palavras de sua prática como criança, de sua experiência, e não da experiência dos pais, fato que influenciaria seu trabalho, anos depois. Seu giz, nessa época, eram os gravetos da mangueira em cuja sombra aprendia a ler, e seu quadro-negro era o chão. A informação

e a formação se davam num espaço informal, antecedendo e preparando-o para o período escolar. Era o pré-escolar vivido, livre, desprezioso (GADOTTI, 2001).

Aos 13 anos perdeu o seu pai, impondo grandes dificuldades a família, que acabou adiando seus estudos, entrando no ginásio com 16 anos de idade, segundo o próprio Freire (2005) foi nesse período que construiu suas primeiras experiências, as quais posteriormente vieram a contribuir em sua formação e definir os sujeitos para quem ele posteriormente dedicaria seu trabalho. Por outro lado, as dificuldades e experiências em Jaboatão - fome, sofrimento e medo possibilitaram que ele se tornasse consciente, capaz de compreender a realidade de homens e mulheres de camadas desfavorecidas. Aos 22 anos ingressou na secular Faculdade de Direito do Recife. “Começou a estudar Direito, mas, seus estudos foram interrompidos várias vezes por razões de ordem econômico-financeira. Ele teve de ganhar seu sustento e contribuir para as finanças familiares muito cedo” (GADOTTI, 1996).

No ano de 1947, Freire atuou no Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria, (SESI) de Pernambuco, no cargo de diretor do Setor de Educação e Cultura renunciando em 1954, após muitas críticas ao seu estilo de administração democrática. Foi neste período que Paulo Freire teve conhecimento da educação de jovens e adultos nos chamados “Clubes dos Trabalhadores”, segundo (GADOTTI, 1996) “Freire e seus colegas tentaram encorajar a força de trabalho industrial a discutir seus problemas individuais.” A ideia é que os trabalhadores superassem por si mesmos as dificuldades, estimulando a ter o controle de sua vida.

Além de seu trabalho no SESI, Freire trabalhava em outros contextos, para ajudar no “despertar democrático” do Brasil (GADOTTI, 1996). Foi nesta época que com ajuda dos seus colaboradores, começou a pensar em técnicas educacionais que pudessem ser aplicadas na educação formal e não-formal, com o intuito de integrar homens e mulheres na sociedade, ficando conhecido como o “Sistema de Paulo Freire”. Segundo Jorge e Benedetti (2005), Freire em sua juventude

(...) resolveu não esperar o mundo do futuro, resolveu se assumir sujeito da história no presente, na tentativa de construir projetos sociais nos quais as pessoas pudessem ser mais livres e mais felizes. Como os jovens brasileiros, Paulo Freire, já adulto, engajou-se profundamente no movimento transformador e participou da fundação do Movimento de Cultura Popular (MCP), lançado pelas forças progressistas de Recife, e coordenou, nessa ocasião, o Projeto de Educação de Adultos (JORGE e BENEDETTI, 2005, p. 24).

Gadotti (1996) enfatiza que Paulo Freire criticou veementemente, a criação de cartilhas que surgiram na época, que continha mensagens prontas, como: “O voto pertence ao povo”,

“Povo sem casa vive nos mocambos”, “No Nordeste só haverá paz quando as injustiças forem eliminadas em suas raízes”, “A paz surge sobre a base da justiça”. Para ele essas mensagens produziam “efeitos domesticadores”. Ao contrário disso ele acreditava que o currículo deve originar-se diretamente do povo e deve ser elaborado por ele.

Com a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), Paulo Freire passou a ser um dos seus líderes mais atuantes. Ficando responsável pela coordenação do Projeto de Educação de Adultos. Seu foco era a educação de jovens e adultos de áreas menos favorecidas dos campos e das cidades. Através do seu método de alfabetização, o qual teve origem dentro dos MCP do Recife – a partir dos Círculos de Cultura. Os círculos de cultura do MCP discutiam os problemas cotidianos e da comunidade dos trabalhadores. O método, que o tornaria conhecido no mundo, foi fundado no princípio de que o processo educacional deve partir da realidade que cerca o educando. “Não basta saber ler que “Eva viu a uva”, diz ele. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (Gadotti,1996)

Embora houvesse algumas adaptações da ordem e do conteúdo de acordo com a situação socioeconômica dos lugares onde o método era aplicado, os passos do método permaneciam os mesmos. Sendo eles:

a) observação participante dos educadores, “sintonizando-se” com o universo vocabular do povo; b) uma árdua busca das palavras geradoras e temas em dois níveis: riqueza silábica e elevada carga de envolvimento vivencial; c) uma primeira codificação dessas palavras em imagens visuais, que estimulam as pessoas “submersas” na cultura do silêncio, para que “emerjam” como criadores conscientes de sua própria cultura; d) introdução do “conceito antropológico de cultura”, com sua diferenciação entre homem e animal; e) decodificação das palavras e temas geradores pelo “círculo de cultura”, sob o discreto estímulo de um coordenador, que não é o professor no sentido convencional da palavra, mas sim, um educador-educando em diálogo com educandos-educadores; f) uma nova codificação criativa, explicitamente crítica e voltada para a ação, na qual os que eram formalmente analfabetos começam a rejeitar seu papel de meros “objetos” na história natural e social. Eles assumem tornar-se “sujeitos” de seus próprios destinos. (GADOTTI,1996, p.156)

Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi exilado, a Campanha Nacional de Alfabetização estava incomodando as elites conservadoras brasileiras, porque conscientiza uma imensa massa popular. Sobre isso Jorge e Benedetti (2005) afirmam:

Mesmo que alguns governantes utilizassem a alfabetização apenas com objetivos eleitorais (os analfabetos não podiam votar), o “Método Paulo Freire” ia muito além, buscando apoiar a transformação dos analfabetos em sujeitos de sua própria aprendizagem, de seu próprio processo de conscientização, de seu protagonismo político, de seu projeto de vida. O golpe de 1964 interrompia o Governo de João Goulart e todas as suas propostas. O “Programa Nacional de Alfabetização” foi oficializado em 21 de

janeiro de 1964 e extinto, pelo governo militar, em 14 de abril do mesmo ano (JORGE e BENEDETTI, 2005, p. 24).

Sendo assim, seu método foi interrompido prejudicando a parcela da população que mais precisavam. Freire então passou longos dezesseis anos exilado, passando por países como Bolívia, Chile e Estados Unidos. sempre defendendo seus ideais e praticando as suas experiências. Durante este período escreveu várias obras, entre elas a que se tornaria a mais conhecida, A Pedagogia do Oprimido. De volta ao Brasil recebeu o convite da reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mudou se para o estado de São Paulo, para lecionar na universidade que vinha sendo um ambiente de resistência contra a ditadura. Passou a empenhar-se ainda mais na educação popular e na formação de professores, bem como, na luta em favor da classe trabalhadora.

3- Educação Bancária x Educação Libertadora

Paulo Freire foi um grande crítico do modelo de educação tradicional, aquele que o professor ministra aulas de forma expositiva e os alunos apenas ouvem de forma passiva. Ele classificava esse método como Educação Bancária, afirmando ser esse modelo responsável pela falência dos sistemas educacionais que produzem a injustiça, o fracasso e a opressão. O autor metaforicamente usa o termo “bancária”, comparando os alunos a um recipiente vazio onde o professor deposita o que sabe, e a função do aluno é reproduzir o que memorizou, mesmo que isso não tenha nenhuma relação com o seu cotidiano.

Na visão “bancária” de educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segunda a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p 38).

Portanto, para Freire, a educação bancária satisfaz aos interesses dos opressores, que tem interesse em preservar a situação da qual são beneficiários, e não o desnudamento do mundo, a sua transformação. Nesta lógica, existe a dominação do sistema sobre a escola, da escola sobre os professores e dos professores sobre os alunos, que apenas obedecem e reproduzem. Não há espaço para diálogo, crítica ou interação entre professor e aluno, apenas a transmissão de conteúdos, pensados para atender aos desejos de um pequeno grupo social.

E para que se possa deixar essa situação de opressão, o único meio é a educação, através da educação problematizadora e da educação libertadora, baseadas em um diálogo diferente daquele proposto pelas elites, formando educandos limitados impedidos de manifestar. A perspectiva freiriana estimulou o diálogo horizontal nutrido de amor, humildade, esperança, fé e confiança e tinha como maior virtude do diálogo o respeito aos educandos, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social.

Segundo Gadotti (1996):

Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (GADOTTI, 1996, p.84)

É necessário que o professor compreenda que para que conseguir exercer sua função integral, precisa conciliar autoridade, respeito e afetividade, segundo o autor a relação entre professor e alunos é o ápice do processo pedagógico. Não sendo possível separar a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, e essa relação é uma “via de mão dupla”, tanto professor como aluno pode ensinar e aprender através de suas experiências.

4 Considerações Finais

Por meio desta pesquisa foi possível compreender o surgimento da Educação de Jovens e Adultos, e seu percurso histórico e sua grande importância para formação escolar de indivíduos que não tiveram acesso ao ensino na idade considerada adequada, dando assim oportunidade para que consigam se libertar da situação de opressão, tornando-se crítico e consciente dos seus direitos. Além disso, pode-se conhecer um pouco sobre a vida de Paulo Freire e como ele se tornou o grande educador conhecido mundialmente pelo seu método de ensino.

Ficou claro a diferença entre Educação Bancária e Educação Libertadora, através da compreensão da grande importância da pedagogia de Paulo Freire para a educação, principalmente a educação de jovens e adultos. Onde o indivíduo já trás uma bagagem de vida, devendo ser respeitada e aproveitada como ponto de partida pelo educador.

Esta pesquisa deixa uma reflexão aos educadores que atuam na EJA, será que estamos reproduzindo uma educação libertadora? Ou será que estamos apenas transmitindo conteúdo? Paulo Freire deixou bem claro a importância do professor reconhecer o aluno capaz de organizar sua própria aprendizagem, reconhecendo sua posição no mundo, tornando-o cidadão crítico e consciente, abandonando a situação de opressão, afinal “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas e pessoas transformam o mundo”(Freire).

Concluimos que as idéias de Paulo Freire contribuíram significativamente para a evolução da EJA no Brasil, visto que, apesar de se ter passado mais de vinte anos da sua morte sua proposta educacional ainda é difundida pelo país e pelo mundo, compreendida como um pedagogia inovadora e libertadora.

3 REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FRIEDRICH, Márcia; BENITE, Ana M. Canavarro; BENITE, Cláudio R. Machado; PEREIRA, Viviane Soares. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **SciELO Brasil**, Ensaio: aval. pol. públ. Educ. 18 (67) Jun 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-40362010000200011>. Acesso em 29 de setembro de 2021
- GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliográfica**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Convite á Leitura de Paulo Freire**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- GADOTTI, M. & ROMÃO, J. E. **Educação de Jovens e adultos: Teoria prática e proposta**. Cortez Editora. V. 5, p.129, 2006.
- JORGE, Sônia Maria Gonçalves, BENEDETTI, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico**. 21 ed. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- KLEIN, C. R.; FREITAS, M. D. C. D. **Motivos do abandono escolar na educação de jovens e adultos: estudo de caso escola do Paraná**. Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade. Curitiba PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR 2011.
- PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 2º ed. São Paulo, 1996.
- STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve História Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010. Disponível em : <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38.8639689>
- UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília: UNESCO, 2008, p. 212